Ano XXII — Lisboa, Abril-Maio de 1966 — N.º 252-253

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

MOBILIZAÇÃO DE ESFORÇOS

Já mais de uma vez temos afirmado que a existência de *Sempre Pronto* é uma afirmação de força de vontade. Força de vontade não só dos seus colaboradores, mas também dos assinantes, que o pagam, e dos agentes e correspondentes que, dedicada e incessantemente, promovem a expansão do jornal por todos os recantos do país e reúnem, assim, os meios de corresponder aos encargos que o seu aparecimento mensal exige.

Não contando com outros recursos que não sejam os representados por este conjunto de boas vontades, a vida de *Sempre Pronto* é necessàriamente difícil, tão difícil que a toda a hora está à mercê de meticulosos cuidados para que não se perca o precário equilíbrio entre as receitas e as despesas, verdadeiro trabalho de *jongleur*, de que só os que nele trabalham estão habilitados a dar conta.

Pois um imprevisto temporal desabou sobre este modesto jornal. As suas finanças que, de há tempos a esta parte, lutavam com um estoicismo invulgar contra o constante aumento dos encargos, entre os quais os de cobrança assumiam especial relevo, foram definitivamente subvertidas por uma inopinada e pouco comedida elevação do custo dos trabalhos de tipografia.

Perante tão impiedoso golpe, estava prèviamente condenada ao malogro qualquer tentativa de saneamento financeiro, isto porque tem sido sempre norma desta casa a máxima austeridade nas despesas, porque nem de outra maneira era possível a sua subsistência. Estava em jogo a vida de *Sempre Pronto*! Para obstar ao seu desaparecimento, só dois caminhos se apresentavam: o da diminuição do número de páginas, ou o da elevação do preço das assinaturas.

Não nos pareceu, a primeira destas soluções, a mais aconselhável, porque isso viria coarctar a acção do jornal, já de si com espaço exíguo para a expansão de toda a sua actividade editorial.

Restava, por conseguinte, a segunda solução: a do aumento de preço, e por ela nos decidimos.

Não quiseram os que trabalham no *Sempre Pronto*, não só por um sentimento de lealdade para com os seus leitores e amigos, mas também por considerarem que esta obra é, de alguma forma, útil ao Escotismo, enveredar pelo caminho da comodidade, pondo termo, pura e simplesmente, à publicação do jornal. Seria essa, aliás a atitude mais coerente com os tempos que correm que se não compadecem já com actividades que se caracterizem apenas pela feição altruísta, como esta em que estamos empenhados.

O aumento das assinaturas, cujos números noutro lugar indicamos, é o estritamente indispensável para ocorrer à elevação dos encargos com a publicação do jornal. A forma como os nossos assinantes corresponderem ao encarecimento do preço será o índice mais seguro para nos dar conhecimento da vontade dos nossos leitores quanto à continuação da vida de *Sempre Pronto*.

Continua na pág. 7

«SEMPRE PRONTO»

Serviços de Administração

A Administração de «Sempre Pronto», empenhada em vencer as dificuldades que o jornal actualmente atravessa, vem apelar para todos os assinantes no sentido de facilitarem a sua espinhosa missão.

A partir desta data, todos os recibos de assinatura serão cobrados pelos novos preços. Aos assinantes que já pagaram as suas assinaturas não será cobrada a diferença de preço. No entanto, aqueles que quiserem ajudar-nos, poderão fazer o favor de nos enviar a diferença em selos postais de 1$00.

A Administração pede também a todos os assinantes para recomendar em suas casas ou nos locais de pagamento para que seja liquidado à primeira apresentação o recibo de assinatura do «Sempre Pronto». Qualquer devolução é uma despesa inútil, que muito nos prejudica.

Da boa colaboração de todos resultará uma diminuição de tra-

Continua na pág. 5

REUNIÃO GERAL DE CHEFES



Foto W. Karl

Conforme noticiámos, realizou-se, no dia 12 de Março último, esta importante reunião, onde tomaram parte dirigentes escotistas de todo o continente. A gravura apresenta o grupo de elementos que tomou parte nesta importante reunião junto da sede da Associação dos Escoteiros de Portugal, no Cais do Sodré, em Lisboa (vide nas páginas interiores a mensagem enviada pelo sr. Escoteiro-Chefe Geral aos dirigentes que tomaram parte nesta actividade).

Educação para a Liberdade

Por reputarmos de muito interesse a sua leitura, transcrevemos, com a devida vénia, este artigo publicado no jornal «União Pró-Família», órgão da Associação das Famílias:

Num inquérito recente a cerca de trezentos professores, relacionado com a sua função pedagógica, havia uma pergunta que chamava extraordinàriamente a atenção: «Para que ensina?».

Na maior parte dos casos, cada um respondeu que ensinava para que os alunos ficassem a saber bem a matéria da disciplina em causa. Mas uma resposta foi surpreendente: «Para que aprendam a verdade».

Verificou-se, assim, que em trezentos professores só um estava consciente da profundidade do trabalho que aos educadores compete realizar. O diálogo entre mestre e aluno não é nem pode limitar-se a uma mera transmissão de conhecimentos. Isso é muito, mas é pouco. Conhecer as coisas, ensinar as coisas é um meio que serve para levar o discípulo ao conhecimento da verdade e, através dessa verdade, tornar-lhe mais fácil o caminho para ser livre, para ser homem, para ser mulher.

Na verdade, diferenciamo-nos dos animais por essa capacidade de escolher entre várias coisas, por essa faculdade de fazer, de aceitar ou não uma dada forma de pensar ou de viver. Ora, os educadores — pais e professores — têm a seu cargo esta admirável tarefa: ajudarem os seus filhos e os seus alunos a ficarem em situação de serem livres. Mas isto, que teòricamente parece tão simples, na prática resulta mais difícil.

O erro da intransigência no opinável

De facto, há muitos pais que obrigam os seus filhos a seguir por um caminho estreitamente demarcado, sem a possibilidade de escolherem qualquer outro.

E também há muitos professores que obrigam os alunos a repetir, palavra por palavra, o que vem no livro adoptado ou no compêndio que eles próprios escreveram um dia.

É elucidativo o caso daquela estudante universitária a quem os pais nunca deixavam ir ao cinema com as amigas. Claro que iam todas ao cinema, sempre que queriam. Mas enquanto estas diziam em casa isso mesmo, a colega mentia repetidamente com a maior tranquilidade.

Todos conhecemos casos, da nossa própria experiência ou da experiência alheia, que evidenciam a tendência de muitas pessoas para impor o seu próprio critério, para assinalar um único caminho, para serem intransigentes em matérias opináveis, para dar a conhecer apenas um aspecto das coisas, para serem absorventes, para não darem aos outros a possibilidade de se manifestarem, para ensinarem sem admitir o raciocínio de quem aprende.

Lição daqui até aqui

Quem não se lembra? Quando éramos miúdos e andávamos na escola ou no liceu, marcavam-nos as lições «daqui até aqui». O mal é que muitas pessoas continuam depois pela vida fora com essa mentalidade. Só estudam o que ficou marcado entre dois sinais e «não o que está em letra pequena». Pessoas assim encontramo-las no liceu e na universidade.

Isto acontece, porque muitos professores se lançam a falar na matéria que ensinam, sem terem a menor preocupação de ver se os alunos estão a acompanhar o ritmo da explicação ou se ficam para trás.

Acontece, porque as pessoas foram educadas na rigidez do supérfluo, sem abrirem a sua inteligência para as possibilidades de saírem das estreitas margens.

Objectividade e largueza de horizontes.

Importa «não ser professor de um só livro». Seria necessário repetir isto ao ouvido de muitos professores, tão empenhados em pôr limites à ciência, fronteiras à verdade, por meio de verdades pequenas e viciadas.

Ora, os professores devem expor a sua ciência, subordinando-se a duas directrizes principais: objectividade e largueza de horizontes. E se os alunos que terminam um curso tiverem aprendido a ser objectivos e a ter vistas largas, os professores que contribuíram para isso merecem um prémio.

O professor deve expor as matérias como são, sem que estas se desvirtuem ao passar pelo prisma dos seus critérios pessoais, sem querer imprimir-lhes uma tendência.

O professor deve ensinar os alunos a pensar com a sua própria cabeça, a raciocinar e a julgar por si mesmos, para que assim cheguem a ter o seu próprio critério e a sua própria regra de vida.

O professor tem que compreender que a verdade pode ser possuída por muitos e que, em muitos domínios, a verdade é múltipla, porque se situa no campo do opinável.

O professor deve procurar ser compreensivo. Quem não pensa como nós não é nosso inimigo. Pode ter a sua parte de razão, como nós temos a nossa. E se a pessoa está no erro, devemos abominar este, mas não a pessoa que nele incorre.

O professor tem de capacitar-se da relatividade de muitas coisas. Muitas vezes, a divergência entre duas teorias está em que cada um vê apenas por um lado. E bastará colocar-se no mesmo ponto de vista para ter a mesma opinião.

O professor deve saber dialogar num clima de amizade, permitir que os outros exponham as suas razões, saber escutá-las e, quando for caso disso, rebater com serenidade os erros.

Nem carneiros, nem rebeldes — homens responsáveis.

Noutros tempos, havia nas universidades debates entre os alunos, a fim de estes aprenderem a difícil arte de discutir sobre um tema, de acordo com as regras da lógica e do diálogo cordial.

Hoje, no entanto, há muitos professores que não gostam que os alunos estejam em desacordo com as suas explicações ou teorias e acontece até que esta atitude pode constituir uma garantia segura de reprovar na disciplina em questão.

É evidente que esta forma de proceder na cátedra só pode servir para formar rebanhos de carneiros ou bandos de rebeldes. Ora, isto é muito perigoso, porque esses rebeldes poderão ter aprendido a aborrecer o que lhes foi imposto, embora aquilo que lhes foi imposto seja a verdade.

A liberdade exige a responsabilidade. Etimològicamente, responder é abrir-se a um apelo ou a uma chamada. Os nossos direitos e os nossos deveres são apelos lançados à nossa personalidade. Estar atento a essa chamada, responder, isto é, agir de acordo com esses deveres e esses direitos — nisso consiste ser responsável, ter responsabilidade, numa palavra, ser livre, porque cada um escolhe com liberdade o que a inteligência lhe apresenta como verdadeiro e como bom.

A importância de conhecer os deveres e os direitos.

É muito importante e necessário que os educadores façam conhecer a cada um os seus deveres e os seus direitos para consigo mesmo, para com a sociedade e também para com Deus e que, depois, deixem cada um agir.

Continua na pág. 7

Dos Açores

GRUPO N.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

Semana escotista americana

Culminando uma semana de comemorações do 56.º aniversário da fundação dos «*Boy Scouts of America*», os Grupos 1 e 2, das Lajes, de colaboração com o movimento escotista feminino americano da B. A. 4., realizaram no sábado, 12 de Fevereiro, no Ginásio da A. A. T. S., uma série de actividades gerais, sob o tema «O Escotismo em Acção».

Os Escoteiros de Portugal do Grupo n.º 52, colaboraram na festa, enviando às Lajes uma delegação, acompanhada do E. C. Moniz Silva, que apresentaram uma exposição fotográfica, documentando actividades conjuntas dos «Boy Scouts of America» e Escoteiros de Portugal.

Depois de várias demonstrações de primeiros socorros, transportes de feridos, sinalagem, pioneirismo, etc., pelos grupos da casa, seguiram-se canções e pantomimas pelos lobitos e avezinhas americanas.

O «52» marcou a sua presença com canções de Manuel do Carmo.

As actividades encerraram no sábado com uma breve reunião, durante a qual foram distribuídas especialidades e recompensas a vários escoteiros americanos.

Festa anual dos lobitos americanos (Blue & Gold Banquet)

No dia 22 de Fevereiro, Dia do Fundador do Escotismo, Baden-Powell, e aniversário do fundador da grande nação norte-americana, George Washington, realizou-se a festa anual dos lobitos americanos.

Estiveram presentes uns 175 convivas, entre os quais cerca de 80 lobitos filiados nos oito bandos de que se compõe a Alcateia n.º 1 das Lajes.

Foi orador convidado o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal e Delegado da Fraternal dos Antigos Escoteiros, que há mais de 15 anos se acha empenhado em colaborar no desenvolvimento do escotismo junto dos nossos irmãos americanos nas Lajes, teve destacada actuação aquando da fundação da primeira alcateia de Lobitos na A. A. T. S., em 1951, e a partir de então, quer por si ou pelos seus rapazes, vem tomando parte nas principais actividades dos lobitos americanos, numa afirmação prática da verdadeira fraternidade escotista.

O orador historiou a fundação da «Alcateia n.º 1» e fez um breve resumo da sua vida e das suas relações com os Escoteiros de Portugal.

Ao terminar a sua fala, foi entregue ao chefe Moniz Silva, pelo Coronel Dynia, presidente da comissão directiva da organização dos Lobitos Americanos, uma carta em que se referia que, em homenagem à sua actividade em prol do Escotismo, a Alcateia da Estação Americana das Lajes lhe conferia a distinção de «Lobito Honorário» da mesma unidade.

No final, o chefe Moniz Silva recebeu os cumprimentos de várias pessoas presentes. — C.

(*Vide mais notícias do Grupo n.º 52 na pág. 8*).

Já ratificou a sua adesão a assinante patrocinador?

Patrocinadores de «Sempre Pronto»

O grupo de patrocinadores de «Sempre Pronto» é uma plêiade de amigos que honra este paladino do Escotismo, constituindo um estímulo permanente para todos que trabalham neste jornal.

Mais do que nunca precisa «Sempre Pronto» da ajuda de todos aqueles que se interessam pelo Escotismo e compreendem que este jornal tem sido nos últimos anos o principal esteio do Movimento.

O aumento do preço das assinaturas força-nos a alterar também a quota de Patrocinador de «Sempre Pronto», já que o preço da assinatura normal atinge a actual quota de patrocínio. Resolvemos por isso que a quota anual de patrocínio seja de um mínimo de Esc. 50$00, pouco mais de 4$00 por número de «S. P.» e por mês. Queremos no entanto manter a característica de voluntariado e espontaneidade desta categoria de assinantes. Não vamos aumentar a assinatura anual sem que os nossos patrocinadores nos autorizem a isso.

Pedimos, pois, a todos que por um simples bilhete postal, pelo telefone 63 66 07 ou pessoalmente através de qualquer dos nossos colaboradores nos digam que mantêm a sua posição de PATROCINADORES, aceitando a quota anual de 50$00.

Não deixe de nos escrever! Aguardamos a ratificação do seu apoio.

Contribuições voluntárias

Mais uma vez, o nosso estimado assinante patrocinador sr. Prof. Dr. João Faria Lapa nos honra com uma preciosa contribuição de Esc. 100$00 no pagamento da sua assinatura.

Também o nosso estimado amigo e colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta pagou a sua assinatura com a importância de Esc. 70$00.

Agradecemos, sensibilizados, a cativante generosidade destes nossos prezados Amigos.

A Conferência «Duty-To-God» (dever para com Deus) realiza-se na Alemanha de 22 a 29 de Junho próximo

A 8.ª Conferência «Duty-to-God», em que participam delegados das associações escoteiras de diversos países, particularmente das associações de inspiração cristã, mantêm grupos dessa característica, ou têm escoteiros evangélicos.

A conferência efectua-se em Sachsenhain, perto de Verden, 30 km. a sudeste de Bremen e tem estação de caminho de ferro entre Bremen e Hanover.

Cada país é convidado a enviar quatro delegados. Espera-se também a presença de observadores. Os organizadores recomendam que os delegados a enviar sejam dirigentes escoteiros capazes de promover e pôr em prática os resultados obtidos nos estudos e discussões que ali se efectuam.

O tema da Conferência é: «Como podemos ajudar os Escoteiros a amar e servir Deus?». Haverá estudos bíblicos, serviços de adoração, discussão de temas escoteiros, serão estudadas novas formas de liturgia e meditação, e no Domingo haverá Sagrada Comunhão.

IMPRENSA

Diário de Lisboa

Comemorou recentemente o 46.º aniversário da sua fundação este vespertino da capital, que reuniu grande número dos seus colaboradores num banquete num restaurante de Lisboa. «Sempre Pronto» felicita nas pessoas dos seus director e director-adjunto, respectivamente os srs. drs. Norberto Lopes e Mário Neves, todos que ali trabalham.

Diário da Manhã

Celebrou-se o 35.º aniversário do início da sua publicação este diário que se publica em Lisboa sob a direcção dos srs. drs. Barradas de Oliveira e João Patrício, a quem endereçamos os nossos cumprimentos, extensivos a todos os seus colaboradores.

Já é assinante patrocinador? Então escreva um postal a dar a sua adesão!

PALESTRAS SOBRE HIGIENE

O ORGANISMO HUMANO

P. — Ó mamã, como é formado o nosso organismo?

R. — Olha, filha, é um assunto tão complicado para a tua idade que decerto não compreenderás. Em todo o caso, sempre te irei explicando conforme fores perguntando. O nosso corpo é uma porção de protoplasma.

P. — Que é protoplasma?

R. — É uma substância albuminóide que forma todos os seres vivos (animais e vegetais).

— Não te posso explicar bem esta palavra sem saberes química, mas dir-te-ei que é uma substância homogénea, isto é, da mesma natureza e parecida com a clara do ovo e que, observada à lente, vemos que tem vida, isto é, que se move.

P. — Sendo o protoplasma da mesma natureza, os ossos são formados de protoplasma?

R. — São, mas o que te faz confusão é serem duros. Dá-se o seguinte fenómeno: o protoplasma dos ossos é mais consistente, mas nem por isso deixa de ser protoplasma e com as mesmas propriedades.

P. — Porque é que essa massa está toda unida e não se mistura?

R. — Porque o protoplasma está dividido em pequenas porções que se chamam células, envolvidas por uma membrana mais consistente, e as células estão unidas umas às outras.

P. — E essas células são todas iguais?

R. — Não. Umas são redondas, outras compridas, etc. E uma reunião de células iguais forma um tecido. Assim o tecido ósseo é uma reunião de ossos, o tecido nervoso é uma reunião de células nervosas, etc.

P. — Então quantos tecidos há no corpo?

R. — Tecido ósseo, que forma o esqueleto; o tecido cartilagíneo, que forma as cartilagens como por exemplo a orelha; o tecido muscular, que forma a carne.

P. — E que diferença fazem as cartilagens dos ossos?

R. — Este tecido é duro e aquele é elástico. Ora experimenta e vê se podes dobrar um osso sem o quebrar e se não podes dobrar uma orelha.

P. — E que mais tecidos há sem serem estes?

R. — Há o tecido adiposo, também chamado celular, o que forma a gordura e que está no intervalo das células a preencher as covas. Este tecido é aquele que vês de cor amarela quando se abre uma galinha. O tecido muscular e de que já te falei, forma os músculos que, ligados aos ossos pelos tendões, produzem os movimentos. Temos ainda o tecido nervoso, que nos dá a sensibilidade e a vontade.

P. — Onde está este tecido?

R. — Está dentro do crânio de todos os animais formando o cérebro, dentro da coluna vertebral constituindo a medula, e os nervos que se espalham pelo corpo.

P. — E estas células são também amarelas como as adiposas?

R. — Não, são cinzentas umas, e outras esbranquiçadas.

P. — E já não há mais tecidos?

R. — Temos ainda o epitelial que reveste o organismo por fora com o nome de pele e por dentro com o nome de mucosa. A mucosa envolve as cavidades internas como os olhos, narinas, ouvidos, boca, etc., e é a continuação do epitelial que está por fora.

P. — Então eu já sei como é formado o nosso corpo. Sei que é uma porção de protoplasma dividido em células, sei também que uma porção de células dá um tecido, portanto já sei tudo, não é verdade?

R. — Não minha filha, só sabes muito pouco. Nós nunca sabemos muito, e muito menos tu que és pequena.

P. — Então o que há mais além das células e dos tecidos?

R. — Os tecidos ainda se reúnem para formar órgãos e os órgãos por sua vez para formarem aparelhos, e uma reunião de aparelhos é que forma o nosso organismo.

P. — Então diga outra vez para eu compreender melhor.

R. — O nosso corpo é uma reunião de aparelhos, cada aparelho é uma reunião de organismos, cada órgão uma reunião de tecidos, cada tecido, uma reunião de células e cada célula é uma reunião de protoplasmas, substância viva de que é formado todo o ser vivo.

DR.ª ADELAIDE CABETTE

Da «Vida Sã», Fevereiro de 1956.

X Acampamento Nacional

A Comissão Organizadora do 10.º Acampamento Nacional, que se realizará de 3 a 11 de Setembro do corrente ano, está a trabalhar activamente na preparação do respectivo programa, encarando igualmente a solução dos inúmeros problemas inerentes.

O Chefe-Geral Adjunto expediu já uma circular onde refere, em pormenor, os diversos aspectos daquela importante actividade, requerendo dos chefes dos grupos a informação provisória dos possíveis participantes.

Entretanto, está já em actividade uma «equipa de trabalho» constituída por dirigentes e caminheiros de diversos grupos, bem como antigos escoteiros, que se estão a esforçar por proceder aos arranjos necessários no Parque da Costa da Caparica, com vista à eficiente instalação do Acampamento.

Os elementos da referida equipa esperam a colaboração voluntária de muitos outros companheiros, para que todas as tarefas possam ser executadas.

Para trabalhar, todos não somos demais.

PATRULHAS PILOTO 66

Decorre com acentuado interesse o concurso inter-patrulhas para conquista do título «Patrulha Piloto».

Segundo sabemos, o Chefe-Geral distribuiu oportunamente pelas patrulhas o *regulamento* e o 1.º questionário de provas, as quais estão já a ser executadas.

Desconhecemos neste momento se à Chefia-Geral já chegaram alguns resultados das provas em disputa na fase actual, esperando podermos ocupar-nos mais largamente deste assunto no próximo número de *Sempre Pronto*.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

CASAMENTO

No Registo Civil dos Olivais (Lisboa), realizou-se no dia 3 de Abril p. p. o enlace matrimonial do nosso amigo e colaborador sr. Hélder Pinto Martins, caminheiro do Grupo n.º 94, com a sr.ª D. Elisabete Rodrigues Gomes.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. José Ventura Oliveira e esposa, e por parte da noiva, o sr. João Martins e esposa.

Aos felizes noivos, «SEMPRE PRONTO» deseja as maiores felicidades.



O escotismo em Lagos

Para quando a sede do grupo em organização?

Os entusiastas do Escotismo em Lagos, apesar de não terem ainda encontrado o apoio daqueles que podem contribuir eficazmente para a solução do problema, continuam esperançados na formação do seu grupo de escoteiros, pois têm fé em que a desejada Sede há-de finalmente surgir senão por um acto voluntário de qualquer benfeitor, por subscrição, diga-se assim, de um grupo de adeptos. Unir as criaturas na prática do bem sem medir distâncias, credos, cores ou políticas, interessa de verdade para o progresso social que se impõe e, assim, estamos convencidos que uns surgirão após outros para que a Causa acabe por triunfar.

Joaquim de Sousa Piscareta

N. da R. — O Escotismo no Algarve, sob a orientação dedicada dos entusiastas dirigentes escoteiros sr. João Lobo Miranda Trigueiros Júnior e José Manuel Pereira, está dando os primeiros passos para uma nova etapa de ressurgimento e sabemos que o apoio ao Grupo em organização em Lagos não vai faltar. Está já projectada uma visita dos Grupos de Faro, Olhão, Tavira e Vila Real a Lagos e, certamente, essa visita irá despertar mais ainda o entusiasmo dos organizadores do grupo naquela cidade. Continuem, pois, a trabalhar até que descubram ou apareça a necessária Sede.

Grupo N.º 60 — Vila Real de Santo António

O Dia de S. Jorge, patrono mundial dos escoteiros, foi comemorado, no dia 23 de Abril findo, pelo Grupo N.º 60, com formatura geral na sede, tendo o chefe do Grupo feito uma prédica sobre o significado da data. A seguir apurou-se o resultado do Concurso Anual de S. Jorge, destinado aos escoteiros que mais se distinguiram por acção altruísta e cujo 1.º prémio coube ao escoteiro José Pedro Pires da Silva.

Os escoteiros dirigiram-se depois para Monte Gordo, em cuja mata acamparam, realizando-se na manhã de domingo, após o hastear de bandeiras, a cerimónia do compromisso de honra dos aspirantes Dâmaso Augusto da Silva Nascimento e Luis António dos Reis Parreira, que ingressaram na Patrulha Águia.

No programa do acampamento, esteve incluída preparação com vista ao Concurso «Patrulhas Piloto 66», cuja final será disputada em Setembro, em Lisboa, no Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal.

MENSAGEM DO ESCOTEIRO-CHEFE-GERAL

POR OCASIÃO DA REUNIÃO GERAL DE CHEFES

Prezados Chefes:

Apesar de longe geogràficamente, não quero deixar de estar convosco na Reunião Geral.

O argumento que a mim próprio pus e único que verdadeiramente me fez concordar em continuar na Chefia-Geral foi o de terdes manifestado o desejo de suprir a minha presença fazendo vossa a minha vontade de fortalecer a união dos Grupos e de alargar, tanto quanto possível, o campo de acção da A. E. P. De resto, não estais sós; estão convosco a Direcção-Central, os Chefes-Gerais-adjuntos, os Chefes dos Núcleos.

Ao tomar de novo contacto pessoal convosco, eu terei certamente o prazer de verificar que o meu afastamento não nos desligou; pelo contrário, tornou mais fortes os laços que têm como objectivo o engrandecimento da A. E. P.

Fareis, juntos, muito mais do que eu poderia fazer. São os Grupos que dão valor à A. E. P., cada um fazendo o melhor e todos ajudando-se mùtuamente, dentro do espírito escotista.

Fortalecer os Grupos é o que vós conseguireis, apoiando-vos em Direcções de prestígio e recrutando elementos que possam vir a ser Chefes nos vários escalões; chefes que pelo seu intersse, pela sua dedicação, pela sua acção, pelas suas qualidades sejam exemplos e guias de rapazes.

Não podemos aceitar que continuemos na situação actual, consequência dum passado recente difícil, e é indispensável que a fé e o entusiasmo que mantiveram de pé o Movimento se renovem para destruir a barreira que impede o desenvolvimento do que temos: a dificuldade em recrutar muitos elementos bons e com características para se dedicarem. O resto virá por si.

É preciso dar à A. E. P. todo o prestígio que necessita para que atinja o seu objectivo de melhorar a Juventude Portuguesa.

É muito difícil esta tarefa dos Chefes, mas é preciso levá-la a bom termo. Manter apenas o que existe é concorrer, indubitàvelmente, para o fracasso.

Exige-se aos Chefes maior dedicação, maior esforço.

Temos de deixar de ser poucos; temos de ser muitos e bons.

É difícil, mas eu creio em vós.

TENGARRINHA PIRES

DE SINTRA

O 32.º Aniversário do Grupo N.º 93

No próximo mês de Junho, o Grupo n.º 93, da formosa vila de Sintra, completa 32 anos de existência.

Para comemorar tal acontecimento, este Grupo prepara uma série de actividades que oportunamente dará a conhecer.

No entanto, um dos números dessas comemorações já foi divulgado. Trata-se de um acampamento, nos dias 9, 10, 11 e 12 daquele mês, na Quinta da Rosa Branca, em Monte Santos, nos arredores de Sintra.

Esta Quinta, que é posta à disposição do «93» pelo antigo escoteiro sr. António José Pereira Forjaz, actualmente vereador do Município daquela vila, está situada num local extremamente aprazível.

Prevê-se organizar, no acampamento, um local para antigos escoteiros e famílias.

Simpàticamente, o Grupo n.º 93 convida todos quantos o quiserem (grupos, chefes, escoteiros, antigos escoteiros e amigos) a tomar parte neste acampamento.

«SEMPRE PRONTO»

Serviços de Administração

Continuação da 1.ª pág.

balho e um auxílio de grande valor. Este jornal só subsistirá se todos os seus amigos redobrarem de interesse e colaborarem intimamente para vencer as actuais dificuldades.

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

Anual	**30$00**	**(12 números)**
Semestral . . .	**16$00**	**(6 »)**
Avulso	**2$50**	**(1 número)**
Patrocin. Anual .	**50$00**	**(12 números)**

«SEMPRE PRONTO»

precisa de muitos assinantes patrocinadores.
Esperamos a sua adesão!

ESCOTISMO NA CAPITAL

1.º Grupo de Ramo de Extensão



Foto W. Karl

A chama do ideal escotista ilumina agora um grupo de cegos, graças à feliz iniciativa da Misericórdia de Lisboa ao propor à Associação dos Escoteiros de Portugal a criação do 1.º Grupo do Ramo de Extensão no Instituto Branco Rodrigues, que tem a sua sede em S. João do Estoril.

O novo grupo de escoteiros, que foi registado sob o n.º 21, tomou forma numa cerimónia, realizada no dia 27 de Março p. p., na 2.ª Secção do Grupo n.º 2 (Beato), promovida pelo Núcleo de Lisboa, durante a qual prestaram compromisso de honra os 25 rapazes que constituem o seu efectivo e, ainda, 28 lobitos, escoteiros e caminheiros de outros grupos.

O Chefe-Geral Adjunto, Eng.º Nobre Santos, presidiu à sessão, onde estiveram igualmente presentes o presidente da Junta de Freguesia do Beato, a directora do Centro Social daquela freguesia, professores do Instituto Branco Rodrigues, escoteiros e suas famílias.

O Chefe do Núcleo de Lisboa falou sobre o significado da cerimónia e salientou o interesse do Escotismo em colaborar na recuperação dos diminuídos físicos.

Foi lida a última mensagem de B.-P.

A completar o programa, foi representada a peça *«Um aprendiz em apuros»*, escrita e desempenhada pelos cegos, canções e danças folclóricas pelos outros escoteiros. — R.

54.º aniversário do Grupo n.º 1

O mais antigo grupo da Associação dos Escoteiros de Portugal, o UM, de gloriosas tradições, completou 54 anos.

Para comemorar o 54.º aniversário, foi levada a efeito, no dia 9 de Abril p. p., uma agradável sessão, durante a qual prestaram o «compromisso de honra» os novos escoteiros Luís Daniel Barata Vieira, José Manuel Dias e Vítor Manuel de Oliveira.

O Chefe do grupo, Duarte Gil Mendonça, saudou os presentes e falou sobre as finalidades do Escotismo, dando a seguir a palavra ao Chefe-Geral Adjunto, Eng.º Nobre Santos, que se dirigiu principalmente aos novos escoteiros, a quem fez realçar a grande utilidade da prática do Escotismo pelos jovens, e agradeceu em nome da A. E. P. à Direcção da A. C. M. o apoio carinhoso que sempre tem dispensado aos escoteiros.

Falou, em seguida, o Sr. Erasmo Figueira Chaves, Secretário-Geral da A. C. M., que, em palavras simples mas brilhantes, se referiu ao alto valor do Escotismo na educação da juventude, salientando a simpatia daquela instituição pelo seu grupo de escoteiros.

Falou ainda o Presidente da Fraternal, Sr. Humberto Martins, antigo escoteiro fundador do grupo n.º 1, que evocou gloriosos tempos, citando com saudade os os nomes de alguns companheiros.

A completar o programa, foram exibidos filmes gentilmente cedidos pela Embaixada dos E. U. A., entre os quais um interessantíssimo documentário sobre o 12.º Jamboree Mundial, na Grécia. — M. G.

Grupo n.º 8

Em aditamento à notícia que publicámos no último número acerca da mudança de chefia desta unidade anexa à Igreja Evangélica Lisbonense, na Rua Febo Moniz, devemos acrescentar que a condecoração concedida pela Direcção da A. E. P. ao ex-Chefe deste Grupo, sr. Ilídio Custódio Gonçalves, foi consequente de proposta feita nesse sentido pela Direcção daquele Grupo.

Vai realizar-se brevemente, em data ainda não marcada, uma sessão especial para dar posse ao novo Chefe, o nosso amigo sr. João Constantino, que já ali desempenhava, com dedicação, as funções de Chefe de Tribo.

Grupo n.º 94

Em 6 de Fevereiro passado, as Divisões Lobito e Escoteiro efectuaram saídas ao campo. Os Lobitos reuniram-se nos Montes Claros, onde realizaram jogos, entre estes alguns de carácter desportivo. Noutro local do Parque de Monsanto, onde também realizaram provas desportivas, concentraram-se os escoteiros em conjunto com escoteiros do Grupo n.º 8.

No dia 27, na Sede, realizou-se uma reunião geral para comemorar o aniversário de B.-P., que teve a presença de familiares, tendo-se efectuado jogos e prestado Promessa dois lobitos e dois escoteiros. Os novos lobitos João Manuel Bento Marques e José D. da Silva, ingressam na Banco Encarnado. Os novos escoteiros Alfredo Rafael Alves da Silva e Luís Manuel Furtado Calisto prestaram promessa perante o Chefe de Tribo Armando Morais.

Parabéns aos novos membros do «94» — *R.*

A semana escoteira do Grupo n.º 94

O Grupo n.º 94 promoveu no seu bairro uma «Semana escoteira», que decorreu de 23 a 30 de Abril p. p.

Com a simpática colaboração de alguns comerciantes, foram espalhados, por diversas montras, cartazes com motivos escotistas, convidando os jovens a ingressar no Movimento.

No dia 23, na Sede do grupo, comemorou-se o «Dia de S. Jorge» com uma sessão de confraternização entre escoteiros e famílias.

No dia 30, foi levada a efeito uma sessão de cinema, com a exibição de filmes escotistas e educativos, a qual foi especialmente dedicada aos jovens — *R.*

FILATELIA

Emissão de selos postais escoteiros

A Repartição Mundial de Escotismo enviou a todas as associações escoteiras uma circular com judiciosas recomendações sobre as emissões de selos postais escoteiros, chamado a atenção dos órgãos dirigentes do Movimento acerca de emissões de natureza duvidosa, que têm levantado comentários adversos da parte dos filatelistas e das associações filatélicas, críticas que por serem justas podem prejudicar o Movimento Escoteiro, apesar deste não ter muitas vezes responsabilidade directa nas emissões, a não ser na medida em que as patrocina.

Aquela Repartição reconhece que o uso de selos postais comemorativos de acontecimentos escoteiros é um método excelente para a publicidade do Movimento, mas sòmente deve ser usado quando sirva e prestigie o Escotismo. Se se faz um uso indiscriminado deste meio, podem resultar mais prejudiciais que úteis.

Tendo consultado associações filatélicas e competentes coleccionadores de selos, aquele órgão orientador do Escotismo Mundial recomenda às associações escoteiras algumas normas, a saber:

1. Cada selo deverá ser de uma taxa necessária para franqueio, de não mais valor que a tarifa de uma carta aérea de primeira classe para o ponto mais distante.
2. A série, no caso de se emitir mais de um selo, deverá ser limitada e não exceder mais de cinco.
3. Se os selos que se emitam vão ser perfurados e não perfurados, deverão ser postos à venda no mesmo dia.
4. Os selos deverão ser vendidos nas estações de correio no país de origem por um período que não exceda três meses. Os sobrantes a essa data deverão ser destruídos, já que assim será dada oportunidade a todos os coleccionadores de os adquirirem ao par.
5. Folhas miniatura ou de recordação, no caso de serem emitidas, deverão ser vendidas ao par nas estações de correio.
6. A emissão de selos comemorativos só deverá ser feita com motivo na celebração de acontecimentos escoteiros especiais, tais como acampamentos nacionais, aniversários ou outros factos importantes.
7. Deverá ser dada informação oportuna à imprensa escoteira acerca de qualquer emissão de selos que vá sair, incluindo como e onde obter os selos e os sobrescritos especiais do primeiro dia.
8. Notificar a Repartição Mundial para que publique informação apropriada no «World Scouting».

SOBRESCRITOS DE PRIMEIRO DIA

1. Não existe qualquer razão que impeça as associações escoteiras de promover a emissão de sobrescritos especiais do primeiro dia como ajuda aos seus próprios fundos. Sòmente uma única variedade de sobrescritos será emitida.
2. Tais sobrescritos deverão ser bem desenhados e vender-se a preços razoáveis, ou seja a não mais do equivalente a cerca de cinco escudos e cinquenta centavos sobre o valor nominal do selo nos sobrescritos cancelados. Os sobrescritos

Continua na 7.ª pág.

EXEMPLOS ESCOTEIROS

Para ser bom, ser feliz, não é preciso muito dinheiro

O Califa Abdulraman III, que o foi do mais poderoso império do mundo durante 49 anos, tinha honorários que somavam anualmente 336.000.000 dólares e possuía a mais poderosa infantaria e marinha da sua época. Teve 6.321 mulheres, escolhidas entre as mais belas do seu império, e foi pai de 618 filhos.

A sua vida foi vivida em magnificência difícil de descrever. Acumulou uma fortuna no valor de 2.600.000.000 de dólares. Quando o seu testamento foi aberto, ele tinha escrito:

«Durante o meu longo reinado, rico e glorioso, contei os dias em que fui completamente feliz. Apenas registei 14».

Nestes tempos ainda o nosso Lord Banden-Powell, não era nascido, mas se o fosse, teria ensinado ao Califa Abdulraman, que todo o indivíduo deve ser económico e sóbrio em todas as suas acções.

Mas fumar é um prazer?

Segundo observações, as quantidades de nicotina absorvidas pelo corpo humano, no fumo dos cigarros, eleva-se a cerca de 5 % do alcalóide entrado na boca, quando o fumo não é aspirado. Numa aspiração incompleta, esta quantidade eleva-se a 75,6 % e, numa aspiração total e fumo prolongado, chega a atingir 95,4 %. Por outro lado, o efeito da nicotina é reduzido por certos fenómenos e por determinados componentes do tabaco. Os produtos resinosos do fumo, insolúveis na água, envolvem as partículas da nicotina, dificultando, assim, a sua penetração nos vasos. Depositam-se também nas mucosas, protegendo-as contra a acção demasiadamente forte do fumo. No entanto, é muito considerável a quantidade de nicotina absorvida pelo corpo humano, quando se fuma muito.

Outras investigações demonstraram claramente que o fumo é extraordinàriamente prejudicial às mulheres agindo, sobretudo, em prejuízo da germinação.

Fazer anos

O nosso Jornal — aliás o Jornal de todos os Escoteiros e que se chama «Sempre Pronto»» — celebrou recentemente o seu aniversário, facto que a todos nós sucede uma vez por ano. Os anos são, pelo visto, unidades de uma ordem particular, porque a conta da vida costuma fazer-se por meio de operação cuja aritmética se não ensina em nenhuma escola conhecida.

Diz-se: já tenho cinquenta anos. Mas ter cinquenta anos, não é, na realidade tê-los perdidos?

De qualquer modo que se considere, o caso desta liquidação contínua é, em última análise, uma soma e ao mesmo tempo uma subtração; quantia inverosímil que é simultâneamente, pela lei fatal de uma aritmética absurda, dez anos menos dessa mesma vida.

Não há mulher de cinquenta anos que não esteja disposta a dar vinte cinco só para ficar com *quinze,*

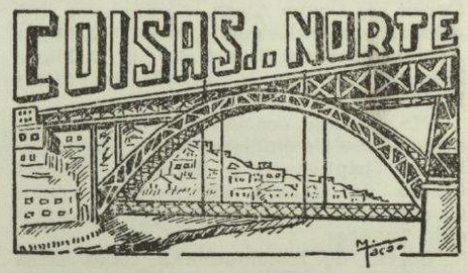
A operação é simples: dá anos para ganhar tempo.

Aqui fica um bom prato, para o próximo acampamento

Como petiscos excêntricos, os mexicanos comem papagaios, mas estes são um tanto rijos. Aranhas assadas servem de sobremesa aos habitantes da Nova Caledónia. Nas ilhas do Pacífico, são muito apreciados os ovos de lagarto. Os ninhos comestíveis de pássaros, entre os chineses, valem o dobro do seu peso, em prata.

Bom proveito e até ao próximo número.

Eugénio Ribeiro Nunes



Comemoração do Dia do Escotismo

Mais uma vez foi levada a efeito pelo Núcleo do Porto, a festa dedicada ao patrono mundial do Escotismo — S. Jorge.

Este ano, aberta a sessão pelo Chefe do Núcleo, Sr. Rev. Vidal Vieira dos Santos, usou da palavra o Chefe do grupo n.º 15, Sr. José Mendes dos Santos, que relatou a lenda de S. Jorge, já bem nossa conhecida, mas desconhecida por inúmeros aspirantes que este ano, pela primeira vez, tiveram o privilégio de a escutar. O Chefe do Núcleo sublinhou, por palavras suas, o que nos quer dizer a história, focando ao mesmo tempo o interesse que nela existe para que todos os escoteiros se dediquem à prática do Bem. Seguiu-se a ratificação da promessa por todos os dirigentes e Escoteiros presentes. A finalizar este acto, e porque se encontrava entre nós o Caminheiro do Grupo n.º 17, Domingos da Silva Lucas, que, no dia seguinte, partia para Lisboa, com destino à Guiné, onde o aguarda o serviço militar, em defesa da nossa soberania, foi este escoteiro alvo das mais amistosas saudações por parte do Chefe do Núcleo e dos Chefes dos grupos presentes que animaram com o mais vivo patriotismo a despedida daquele «irmão» que, por informes do seu Chefe, mereceu de todos a maior consideração e amizade por motivo dos relevantes serviços prestados ao seu grupo. Para o Lucas, desejamos uma boa viagem, com votos de que regresse ao lar, satisfeito por ter dado o seu esforço por um Portugal indivisível. A segunda parte foi preenchida com alguns filmes que o director do Grupo n.º 17, Sr. António Pacheco da Silva, projectou, sobre a Peregrinação a Santiago de Compostela, em que escoteiros portugueses e de outras nações tomaram parte, assim como alguns documentários de «Charlot» e do «Bucha e Estica» que fizeram rir toda a rapaziada. Finda a sessão com o Hino da A. E. P., todos retiraram para as suas sedes satisfeitos por mais uma vez terem contribuído para a realização de tão festiva cerimónia.

Do mesmo Grupo n.º 17, seguiu para Moçambique o escoteiro Vitor Eugénio Cerqueira Santos — *C.*

FILATELIA

Continuação da 6.ª pág.

deverão conter uma mensagem de fraternidade e boa vontade.

3. Se as associações não estiverem preparadas para vender e manejar estes sobrescritos, deverão obter ajuda de um distribuidor de sólida reputação e, por meio de contrato, estipular o preço de venda dos mesmos e a sua distribuição.

A Repartição Mundial está em contacto com as principais sociedades escoteiras filatélicas e com o comércio da especialidade e gostosamente obterá os seus conselhos para colaborar com qualquer associação interessada neste assunto.

Recomenda-se ainda que a emissão de um selo especial deverá ter em vista principalmente a publicidade e difusão do Escotismo e só secundàriamente servirá como meio de reunir fundos. Não devemos permitir que o Escotismo seja explorado.

Educação para a Liberdade

Continuação da 2.ª pág.

Uma vez que cada um conheça esses direitos e esses deveres, está apto para usar da liberdade. E é bom conceder-lhe boa margem de confiança para o uso dessa liberdade.

As pessoas normalmente constituídas respondem com generosidade à confiança que nelas se deposita.

Os pais devem ensinar os filhos a conhecer o bem e o mal, dar-lhes regras simples sobre a maneira de se comportarem, viver eles próprios de acordo com essas normas. Assim, hão-de ver que os seus filhos usam da liberdade, sem abusar.

Os professores devem ter a preocupação de ensinar a verdade com objectividade e com raciocínios claros para a inteligência dos seus alunos; indicar-lhes os seus deveres e informá-los também dos seus direitos. Se assim fizerem, além de ensinarem a sua «cadeira», terão trabalhado na formação de homens capazes de escolher, capazes de seres livres.

Mobilização de esforços

Continuação da 1.ª pág.

O número duplo que publicamos, de 12 páginas, traduz uma primeira medida de economia para fazer face às nossas dificuldades. Todavia, de futuro, o jornal voltará à sua tradicional edição de 8 páginas. É este o nosso programa de trabalho de agora em diante.

Chegou o momento de manifestarmos a nossa dedicação a este jornal, não diremos de uma forma mais efectiva, mas, pelo menos, mais significativa na sua expressão material. É a esta mobilização de boas vontades que confiamos a existência deste jornal, certos de que hão-de ser muitas as vozes que responderão positivamente ao nosso apelo.

DOS AÇORES

Continuação da 3.ª pág.

COMEMORAÇÕES DO DIA DE S. JORGE 1966

Fraternal

No dia 23 de Abril, realizou-se no Salão do Sporting Clube Angrense o jantar anual da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, núcleo de Angra do Heroísmo.

Sob a presidência do delegado da Fraternal nos Açores, Jacinto dos Reis Moniz Silva, e num ambiente de amistosa convivência, estiveram presentes os antigos Escoteiros, srs. Eduardo F. Gomes da Silva, Norberto Barcelos Borba, Virgílio Pires Toste, Dr. Henrique da Costa Braz, Dr. Henrique Henriques Flores, António Deodato Ferreira, Comandante Álvaro Cardoso, Arquitecto Fernando de Sousa, Dr. Francisco M. Pereira, José Borges Nunes, João de Ávila, Dr. Felton Pimentel, Reginaldo A. Gomes, Valdemar Mota, Henrique T. de Sousa, Manuel T. de Sousa, Jorge Ávila Gonçalves, Ludgero M. Moreira, Prof. Leopoldino Tavares e Aurélio Bett. Borges.

No final do jantar, foi prestada homenagem ao Comandante Álvaro Cardoso, da Defesa Marítima de Angra do Heroísmo, pela sua notável acção em prol das classes menos privilegiadas e nomeadamente da classe piscatória, durante mais de 4 anos de estadia entre nós.

O Comandante Álvaro Machado parte dentro de dias para nova comissão de serviço no Continente.

Falaram, o prof. Leopoldino Tavares, o homenageado e o Delegado da Fraternal.

Foram também apresentados cumprimentos de despedida a Reginaldo Gomes, que parte em breve para os E. U. da América, onde vai fixar residência.

Rádio Clube de Angra

Como é tradicional, o chefe do Grupo 52 da A. E. P., Jacinto dos Reis Moniz Silva, proferiu aos microfones de «A Voz da Terceira», uma palestra alusiva ao Dia de S. Jorge.

Reunião do «52»

Pelas 21 horas, realizou-se a reunião mensal na sede do Grupo 52 da A. E. P.

Falou o prof. Leopoldino Tavares, secretário do Grupo, num inspirado improviso sobre S. Jorge e a Fraternidade Escotista, terminando com uma exortação aos três aspirantes que na manhã seguinte prestavam o seu Compromisso de Honra.

Seguiu-se no uso da palavra, o chefe-adjunto, Ludgero Moreira, que historiou a sua entrada para o Movimento e demonstrou como, havendo vontade, não há dificuldades reais para os Escoteiros.

Falou depois o caminheiro-aspirante Rodrigues Vieira; terminando com o antigo escoteiro, Valdemar Mota, que encerrou a sua fala felicitando o chefe Moniz Silva pela sua muita persistência e inalterável espírito escoteiro.

O chefe Moniz Silva analisou as falas dos oradores que o antecederam e congratulou-se por verificar o alto nível de fraternidade e compreensão que todos manifestaram.

Seguiu-se a ratificação do Compromisso de Honra de todos os Escoteiros presentes, terminando a reunião com o «Eh! Lá!» entoado em coro.

Velada

Logo em seguida, e por solicitação dos novos escoteiros, foi feita uma «Velada», na Igreja de Santa Luzia de Angra, com a meditação da Lei do Escoteiro, em que colaborou o Pároco da Freguesia, Rev. P.e David Botelho do Couto.

Compromissos de Honra

Antecedendo a missa das 10.30, do Domingo, 24 de Abril, prestaram Compromisso de Honra, na igreja de St.ª Luzia de Angra, perante o Chefe Moniz Silva, os Escoteiros, Henrique de Ornelas Gomes da Silva, Luís de Melo de Borba e Luís Carlos do Couto Alves. Foram suas madrinhas, respectivamente, as sr.as D. Maria Aurilda Linhares Stuart Borges, D. Maria Manuela Borba e D. Águeda de Fátima Leandro Santos Couto.

Na mesma ocasião prestou compromisso como Caminheiro, recebendo o simbólico «baptismo», o Escoteiro Manuel Gomes do Carmo, acompanhado pelos Caminheiros, Ludgero Moreira e Leopoldino Tavares.

Serviu de testemunha a todos estes actos, o Rev. P.e David Couto.

Uma delegação do Grupo 52 fez a guarda de honra ao altar, durante a missa que se seguiu.

Reunião Escotista

Organizada por uma comissão de rapazes do «52», e com a colaboração de madrinhas e famílias, realizou-se em seguida na Cantina da Escola Infante D. Henrique, uma reunião íntima escotista, em que usaram da palavra, o Chefe Moniz Silva, o prof. Leopoldino Tavares, e os guias das patrulhas «Galo» e «Andorinha».

Recitaram-se poesias, contaram-se anedotas, representaram-se pantominas e fizeram-se demonstrações técnicas escotistas, nomeadamente, de primeiros socorros, transporte de feridos, etc.

Seguiu-se a entrega de vários distintivos e diplomas, começando com o troféu ganho pela Patrulha «Andorinha» do «53», no Concurso de Patrulhas Piloto-1964, e em que esta Patrulha ficou classificada em 1.º lugar — Tema «A» — Campismo e Pioneirismo.

Antes e depois da reunião, esteve patente ao público uma pequena exposição de trabalhos manuais dos escoteiros e uma colecção de fotografias de actividades conjuntas do Grupo. — *C.*

D. Florinda Pinto de Almeida Ribeiro Nunes

Já há alguns meses que se encontra bastante doente a Sr.ª D. Florinda Pinto de Almeida Ribeiro Nunes, esposa do nosso estimado amigo e colaborador Sr. Eugénio Ribeiro Nunes.

Felizmente, nas últimas semanas têm-se acentuado as melhoras desta senhora, acontecimento com que folgamos muito.

Aproveitamos o ensejo para fazer votos de um rápido e completo restabelecimento.

O escotismo na Ilha da Madeira

Para que seja reorganizado o «Grupo de Escoteiros de Portugal» na cidade do Funchal falta sòmente obter instalações para a sede

O Director e o Administrador de «Sempre Pronto» foram gentilmente recebidos no Funchal pelo antigo e dedicado batalhador do Escotismo, o Sr. António Pestana, que perseverantemente continua a lutar para que seja reorganizado um dos antigos grupos daquela cidade.

Na companhia do seu amigo, o Sr. Manuel Andrade, também interessado naquele Grupo de Escoteiros; do Rev. Pedro Barbosa, antigo escoteiro, e sua esposa sr.ª D. Susana de Brito Barbosa, tivemos uma agradável reunião. A conversa naturalmente versou Escotismo e perguntámos a António Pestana se continuava a ser possível o Grupo de Escoteiros. A resposta veio pronta:

— Pois está claro que continua. Ainda há pouco tempo contávamos 32 rapazes prontos a ingressar no Grupo.

— Então porque esperam?

— Simplesmente pela sede. Sem uma casa onde tenhamos as nossas reuniões não podemos pensar em Grupo de Escoteiros.

— E não têm possibilidades de obter uma casa? — inquirimos.

— Estamos trabalhando para isso — atalhou António Pestana com entusiasmo — tivemos há dias uma entrevista com uma alta autoridade, que nos prometeu interessar-se pelo assunto. Voltarei à sua presença dentro de dias e estou cheio de esperança de que alguma coisa se vai conseguir.

António Pestana é o símbolo da perseverança. Ele tem comunicado o seu entusiasmo a outros antigos escoteiros do Funchal, pelo que o Movimento tem ali um núcleo de elementos prontos para se apresentarem ao serviço logo que surja uma oportunidade. Estamos certos de que essa oportunidade acabará por surgir. Por isso, lançamos daqui um apelo a todos os Escoteiros e Antigos Escoteiros madeirenses para que congreguem os seus esforços para que os Escoteiros de Portugal possam ressurgir no Funchal. A tenacidade de António Pestana merece esse apoio.

LIVRARIA CRUZ *de Braga*

Sempre Pronto passa, a partir do presente número duplo, a ser composto e impresso nas conceituadas oficinas gráficas da Livraria Cruz, de Braga.

Conforme podem os nossos leitores verificar, é excelente o aspecto gráfico que o nosso jornal passa a ter, o que prova a competência dos respectivos serviços daquelas oficinas.

Aproveitamos a oportunidade para saudar a digníssima Gerência da Livraria Cruz e fazer votos de que encontremos naquela casa o espírito de colaboração de que *Sempre Pronto* carece para levar a bom fim a missão a que se propôs.



N. da R. — «O Valor de uma Palavra» *é o último trabalho que tínhamos em carteira da autoria do nosso saudoso amigo e companheiro Manuel Ferreira.*

A publicação deste conto enche-nos, por esse motivo, de profunda comoção, porque, embora a lembrança deste antigo colaborador jamais deixe de perdurar nas nossas recordações, o certo é que o aparecimento dos seus trabalhos nas colunas de «Sempre Pronto» *era, além de uma afirmação da vitalidade do pensamento de Manuel Ferreira, o prosseguimento do diálogo que ao longo de anos manteve com os nossos leitores, era a confirmação de uma presença, era o testemunho de uma actividade invulgarmente intensa, de admirável nível literário e de elevado sentido educativo.*

Falecido há mais de três anos, a sua efectiva colaboração estendeu-se até agora, com uma regularidade quase mensal. Que melhor prova poderíamos fazer da enorme e irreparável perda que representou o tão prematuro e inesperado desaparecimento deste querido e saudoso Amigo?

O valor de uma palavra

— Aqui têm vocês um exemplo do valor de uma palavra; a morte de Mouzinho de Albuquerque, — explicou o professor, na sua aula de História.

— O herói de Chaimite? — perguntou um dos alunos.

— Não. O avô, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque. É que, da família Mouzinho, não foi só notável o *cavaleiro de África,* tenente-coronel Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque. Foram ilustres seu avô, sua esposa e prima, D. Maria José, e seus primos João e Luís Gaivão, que também prestaram grandes serviços em Moçambique, todos eles netos de Luís Mouzinho, e, portanto, descendentes de el-rei D. Dinis. Um tio de Luís Mouzinho, António Pedro Mouzinho de Albuquerque, foi amigo e correspondente de Voltaire.

— Família ilustre, está-se vendo.

— *Muito valentes e muito nobres, muito inteligentes e muito pobres.* Luís Mouzinho, aos 14 anos, fez uma tradução, em verso, da *Andromacha,* de Racine. Escreveu uma tragédia, *O Duque de Coimbra,* e as *Geórgicas Portuguesas,* poema em cinco cantos, dedicada a sua esposa, e publicado, em 1820, em Paris.

— Luís Mouzinho esteve em França?

— Luís Mouzinho quis abranger todas as ciências. Chegou a dar lições no Jardim das Plantas de Paris. Para ele, a química, a física, a mineralogia, a botânica, não tinham segredos. Fez um curso de química a portugueses e leccionou em francês. Em 1823, voltou a Portugal, supondo que viesse a estalar uma guerra. Nomeado provedor da Casa da Moeda, vendo que o lugar não era necessário propôs ele mesmo a sua extinção. Ali, abriu ele um curso de física e química. Publicou o *Tratado de Física e Química,* a primeira obra completa publicada em Portugal.

— Era, então, um verdadeiro talento.

— Analisou os terrenos e água das Furnas, da ilha de S. Miguel, as águas potáveis de Lisboa, a composição do cimento romano e fez uma viagem para coordenar elementos sobre a geografia estatística de Portugal. Quando das lutas liberais, esteve Luís Mouzinho na Terceira, onde assumiu, pràticamente, todas as pastas do regime liberal. D. Pedro tornou-se seu amigo. Desembarcou no Mindelo. Esteve em várias missões no Rio de Janeiro, Londres, Paris e Madrid. Lembrou a D. Pedro a vantagem de uma expedição ao Algarve. Governou a Madeira, onde reformou os hospitais, instituiu um asilo e abriu escolas. Do encanamento das águas do Rabaçal, a que procedeu, disse o célebre escritor inglês Macaulay que era *grande e tal que faria honra a qualquer século e a qualquer nação.* E quando o povo do Funchal pretendeu erigir um monumento a D. Pedro, Luís Mouzinho respondeu: *Levante-se, mas seja o monumento uma ponte sobre a quebrada do Ribeiro Seco e uma estrada para a Câmara de Lobos.*

— Bela atitude!

— Em 1838, elaborou o *Guia do Engenheiro.* Projectou várias obras e restaurou o monumento da Batalha, que foi a sua maior realização.

— E como foi ele vítima da sua palavra?

— Soube dessa passagem da sua vida, lendo o elogio histórico proferido por António Xavier Cordeiro, em 9 de Junho de 1850, no Instituto da Academia Dramática. Ora ouçam:

Luís Mouzinho aceitou a Revolução. Eis o facto. O Ministro que referendara o Decreto de 10 de Fevereiro de 1842 não podia deixar de seguir o movimento popular que pretendia inaugurar as doutrinas daquele Decreto, e por isso chamado ao Ministério prometeu que havia de cumprir e guardar os princípios que a Revolução proclamava até que às mãos da representação nacional entregasse a sorte do País.

A contra-revolução de 6 de Outubro não lho consentiu. A representação nacional, convocada pelo Decreto mais liberal que possuímos, não se chegou a reunir, e, assim como Egas Moniz, que por não poder satisfazer a promessa que fizera ao rei de Leão, no cerco de Guimarães, foi a Castela de baraço ao pescoço para oferecer a vida, marcha Luís Mouzinho para o campo dos populares e entrega-se em holocausto pelo cumprimento da palavra.

Outro que não fora ele podia considerar-se exonerado quando mesmo não procedesse assim, mas Luís Mouzinho era mais que tudo um cavalheiro, e aos elevados sentimentos de honra, que poucos homens compreendem, sacrificaria até as suas próprias convicções políticas, fossem elas quais fossem.

E assim Luís Mouzinho marchou para a batalha de Torres Vedras. Foi em 22 de Dezembro de 1846.

— Já lá vai um século, sr. professor...

— As forças populares — os *patuleias* — eram comandados pelo general conde de Bonfim, e delas faziam parte alguns batalhões de linha e de voluntários, num total de 3.000 homens, tendo, porém, sòmente 200 de cavalaria, uma peça e um obus. As tropas governamentais, ou cabralistas, sob o comando de Saldanha, eram muito superiores em número. Contavam quase 7.000 homens e 16 peças. O coronel de engenheiros, Luís Mouzinho, fazia parte das tropas *patuleias.* Às onze horas da manhã, começou o fogo, seguindo-se uma batalha sangrenta em que foi derrotado o partido popular. Saldanha apoderou-se de toda a vila, apresionou o conde de Bonfim e a maior parte das forças, concedendo, porém, ao general todas as honras militares, aos oficiais as suas bagagens e as mochilas aos soldados.

— E Luís Mouzinho? — perguntou um aluno.

Continua na pág. 11

Estão muito activos os «Escoteiros de Portugal» em Ponta Delgada



A reportagem de «Sempre Pronto» foi surpreender em Ponta Delgada o Grupo n.º 80 dos Escoteiros de Portugal em brilhante representação nas festas da cidade ali realizadas em 15 de Maio corrente. O Grupo desfilava com terno de clarins e tambores, desfraldando a sua bandeira, para se concentrar na principal praça, onde se tinham reunido muitas outras colectividades da ilha de S. Miguel e onde, momentos depois, chegou também uma boa representação do Corpo Nacional de Escutas.

Os representantes de «Sempre Pronto» surgiram de surpresa e apresentaram-se ao Chefe Fernando Soares de Macedo, que há muitos anos dirige aquela unidade escoteira. Este expressou entusiàsticamente a sua surpresa e manifestou o seu contentamento pela presença de dirigentes escoteiros do Continente.

O Grupo apresentava cerca de 40 elementos, na sua maioria caminheiros, mas incluía também alguns escoteiros e três lobitos. O Chefe Macedo afirmou-nos que o seu Grupo se encontrava em boa actividade e que o efectivo não estava completo, o que tivemos ensejo de comprovar visto ter encontrado escoteiros em serviço profissional.

Quisemos ouvir os lobitos. Eles representam o futuro do «80». O primeiro foi o Carlos Alberto de Macedo, filho do Chefe, que nos disse gostar muito de ser lobito e nos confidenciou não ter ainda praticado naquele dia a sua boa acção, mas garantiu que não terminaria o dia sem o fazer.

José Manuel Castro Mendonça era o segundo lobito. Disse-nos que gostava muito de ser lobito e também nos confessou não ter ainda praticado a boa acção, mas esperava ocasião de a fazer.

José Manuel Moniz de Frias era o último dos três lobitos. Disse-nos logo alegremente já ter feito a sua boa acção e afirmou-nos que era lobito de todo o coração. Estamos certos que o Grupo 80 terá oportunidade de desenvolver a sua alcateia, pois entre os seus companheiros não faltam rapazes capazes de trabalhar nesta divisão escoteira.

Ouvindo os Caminheiros

Pedimos ao Guia de uma das equipas de Caminheiros para nos indicar um rapaz que pudesse falar em nome de todos. Indicou-nos o Vítor Manuel Aguiar Carvalho, a quem perguntámos qual era a sua impressão do Grupo 80. Respondeu-nos:

— Está muito bom. Temos tido muitas actividades.

— Que espécie de actividades? — perguntámos:

— Principalmente acampamentos.

— Realmente em S. Miguel há locais maravilhosos para acampar — acrescentámos.

— O último acampamento — informou o Vítor — foi no Pinhal da Paz, na Fajã de Cima. Foi uma boa actividade. Um dia de festa. Fizeram promessa os novos escoteiros Leoberto Manuel Viveiros e seu irmão Edgardo, João Luís Carvalho, Carlos Alberto Macedo e ainda o lobito José Manuel Mendonça. O acampamento foi dirigido pelo subchefe José Manuel Macedo. Regressámos ao fim da tarde em formatura, tendo encontrado os nossos irmãos do C. N. E. com quem trocámos cumprimentos.

— Quando foi esse acampamento?

— Nos dias 23 e 24 de Abril. Comemorámos assim o Dia do Escoteiro.

— Têm muitas reuniões na sede — inquirimos.

— Três vezes por semana.

Falámos depois no Acampamento Nacional e perguntámos-lhe se o Grupo 80 não gostaria de estar representado. A resposta foi pronta:

— O nosso Chefe já nos falou nisso. Claro que gostaríamos e muito.

Reparámos que todos as rapazes se animaram e sorrisos de esperança brilharam em todos os rostos. Havia realmente vontade de vir ao «Nacional» pelo que declarámos.

— Pois vamos trabalhar para isso! É preciso que o «80» esteja na Caparica. Para o Escoteiro não existe o impossível. E certamente vai estar.

A hora do desfile religioso aproximava-se. O Chefe Macedo convidou-nos para visitar a sede, e que prometemos fazer. Mas o Grupo só muito tarde ficou liberto daquela actividade, o que nos impediu de cumprir o prometido, porque o «Funchal» largaria de Ponta Delgada poucas horas depois.

Regressámos, porém certos de que o Escotismo continua vivo em Ponta Del-

Continua na pág. 11

Sorrir às dificuldades

Dedico a todos os membros da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Saber sorrir é magia,
Tem beleza, tem candura,
Euche a alma de alegria,
Dá à vida, mais ternura.

Um sorriso, alegre e franco,
É hino de qualidades,
Livrar o triste do pranto,
Sorrindo às dificuldades.

Ser alegre é predicado,
Que nasce com qualquer ser,
É sentimento marcado,
Que chega para vencer.

Um sorriso, uma carícia,
Um olhar terno e leal,
São p'ra todos a delícia,
Num agreste temporal.

Nos problemas da vida,
Onde rasteja a maldade,
Temos que ter por divisa:
Sorrir à dificuldade.

Maio de 1966.

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES

Consciência de médico

Por nos parecer interessante, transcrevemos, da obra «**Consciência de Médico**», *de Morton Thompson, edição de Livros do Brasil, o seguinte episódio em que intervêm escoteiros.*

«Para o fim da tarde, Lucas, cujas narinas andavam profundamente impregnadas do cheiro a ratos e a cadáver, dos doentes, depois de visitar tanta casa onde a febre assentara os seus arraiais, foi ver, ao bairro pobre de Greenville, o seu último doente do dia. Antes de bater à porta, soltou um longo suspiro.

— Como está hoje, sr. Sarginelli? — perguntou, ao penetrar no interior obscurecido.

Mas logo parou bruscamente. Alguém havia limpado aquele interior imundo. A cama estava feita, com as suas serapilheiras e farrapos de mantas bem esticados. E, na penumbra, viam-se três rapazes, que haviam ficado tão surpreendidos com a entrada do médico como este com a presença dos moços naquela casa.

— Quem são estes?

— São os rapazes da Theesa... — disse, com voz ofegante, o sr. Saginelli.

Ao lado da cama, via-se uma cadeira partida, com um copo de água em cima.

— Viemos dar aqui uma ajudazita — disse, atarantado, um dos rapazes.

Estavam todos de uniforme.

— Escoteiros, hem?

— Sim senhor, e...

— Já foram vacinados?

— Fomos, sim, senhor!

— E há quanto tempo?

— Há um ano todos três e lembramo-nos...

— Aqui o sr. Saginelli e o cordeiro...

— Começámos a conversar...

— E lembrámo-nos, que, ùltimamente, nunca mais o tínhamos visto...

— Por isso, pensámos em vir até cá...

— E os vossos pais, sabem que estão aqui?

— Não sabem, mas nós não estamos a fazer nada...

— Nunca pensámos que não devêssemos...

— Nós íamos depois dizer à nossa gente...

Olhavam para Lucas, à espera do que ele dissesse.

— Compreendo — disse ele, com ar brusco. — Poisou o estojo. — Bem, bem, vamos lá a ver como está hoje o sr. Saginelli... Tem umas belas enfermeiras, sr. Saginelli. — O homenzito abanou a cabeça com decisão, embora não pudesse fazer movimentos vivos, e emitiu uma série de ruídos porque o termómetro lhe não permitia que falasse. — Olhe que tem o triplo das enfermeiras de quase todos os doentes da vila!

Leu o termómetro e fez um movimento de cabeça.

— Tem de ir para o Hospital da Câmara. Não, não é caso para se afligir. E onde está melhor. A ambulância vem já buscá-lo.

— Mas nós podemos olhar por ele, sr. Marsh...

— Damos-lhe de comer e tratamos dele...

Vocês vêm comigo.

Eles obedeceram prontamente.

— Teremos feito alguma coisa de mal? — atreveu-se um a perguntar, já com o carro em andamento.

— De mal? Oiçam: quando algum de vocês adoecer, seja com o que for, e quando for, vão ter comigo. Estão a perceber? E não pagam coisa nenhuma!

— E que é que vamos dizer à nossa gente? — perguntou o mais novo, com voz trémula.

— Eu é que vou dizer-lhes uma coisa.

Depois de ter levado o último a casa, Lucas foi direito ao *Clarim* e tratou de contar o caso a Bemis Shedd.

— Meu Deus!

— Agora publique o caso, Bemis. Diga a essa gente...

— Meu Jesus Cristo!

A história de Bemis foi eloquente. E, além disso, Bemis comentou-a no artigo de fundo.

Os nossos contos

Continuação da pág. 9

— Em dada altura, o filho mais novo de Luís Mouzinho, que estava junto dele, viu-o vacilar e levar a mão direita ao peito, dizendo: *Estou ferido, leva-me ao hospital de sangue.* Apoiado ao filho, caminhou até à capela do castelo. Deitado sobre uma maca, com a cabeça encostada sobre uma mochila, ali esteve até às 4 horas da tarde do outro dia, em que foi conduzido para sítio mais próprio. Ali o visitou, chorando, Saldanha, seu adversário político, mas admirador. Durante cinco dias, agonizou esse grande português. E em 27, aquele que foi já considerado o maior português do século XIX, pelo seu saber e estirpe, poeta, matemático, filósofo, engenheiro, arquitecto, escritor, soldado, orador e estadista, faleceu junto da esposa e de seus filhos. No dia seguinte, conduzido pelos pobres da vila, foi sepultado na igreja de S. Pedro, de Torres Vedras. Uma simples legenda na sepultura indica onde repousa para sempre aquele homem magnânimo que, na convenção de Évora-Monte, interveio a favor dos vencidos, e que nunca recebeu um centavo dos seus livros nem os vencimentos de ministro...

— E como se chamava a esposa?

— D. Ana Mascarenhas de Ataíde, sua prima. Foi a ela que Luís Mouzinho dedicou as suas *Geórgicas*. E foi esta senhora que deu a seu neto, Joaquim Mouzinho de Albuquerque, o futuro herói de Chaimite, a Torre e Espada do vencido de Torres Vedras, exclamando: *Faze por ganhá-la. Lembra-te de que, além de soldado, és um Mouzinho...*

Manuel Ferreira

Estão muito activos os «Escoteiros de Portugal» em Ponta Delgada

Continuação da pág. 10

gada. Não será demasiado esperar que com o patrocínio dos Serviços Centrais aquela unidade possa ser a base de ressurgimento de outros grupos que existiram em S. Miguel.

O nosso estimado amigo e assinante sr. José Luís Carreiro Jr. disse-nos que em Fanais da Ajuda existiu um grupo de escoteiros. Ele próprio, que compreende o Escotismo e tem especial interesse pela educação da juventude, tem pensado em reorganizar esse Grupo, mas a emigração tem levado os jovens com que poderia contar para a sua chefia. O Grupo 80 poderá vir a ser o seminário de onde surgirão novos dirigentes do Escotismo em S. Miguel.

E. R. e C. F. M.



Mercantilismo

Se é certo que a outra grande guerra contribuiu muito para o desenvolvimento do espírito egoísta, a última fez proliferar tal sentimento, notando-se, a cada instante, um desenfreado mercantilismo que atinge até aquelas esferas que dele deveriam estar isentas. Está latente uma sofreguidão de realizar lucros, de ganhar dinheiro em tudo e com todos, de reduzir a numerário coisas, pessoas e ideias A ganância não hesita. Salta por cima da Lei e da Moral, corrompe, falsifica, avilta e preverte.

O dinheiro tudo pretende vencer: escrúpulos, consciência, dever e honra, trazendo a desconfiança mútua, que pode ainda provocar mais graves prejuízos do que a própria causa. Não fazemos referência a este assunto por mórbido prazer de apregoar males, mas porque achamos ser urgente colocar em linha factores que anulem, neutralizem ou combatam tão baixos sentimentos.

. . . . . .

O mercantilismo quase estabeleceu doutrina e tomou foros de epidemia. E, como para combater todos os focos epidémicos são necessários reagentes enérgicos e homens decididos para a luta, de que melhores antídotos poderemos nós lançar mão para combater o egoísmo, do que generosidade, altruísmo e abnegação? E de que homens poderemos nós dispor, mais corajosos e decididos, do que os jovens?

. . . . . .

Não podemos exigir que todos os novos se arregimentem connosco, mas desejamos que cada um, no seu posto, sustente a luta, opondo ao desenfreado mercantilismo egoísta, acções generosas e espíritos abnegados.

SEMPRE PRONTO

Números 252-253

O

Abril-Maio de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A vida maravilhosa de Alberto Schweitzer (VII)

SCHWEITZER, APÓSTOLO DA PAZ

(CONCLUSÃO)

Schweitzer vivia agora preocupado com o perigo atómico e a eventualidade de outra guerra. Em Oslo, ao receber o Prémio Nobel da Paz, afirmou: *Só o espírito ético que criou o humanitarismo, origem de todo o progresso para uma forma de existência superior pode salvar a causa da paz.* Referindo-se ao emprego da bomba atómica na última conflagração, disse: *O horror desta experiência deve arrancar-nos ao torpor em que estamos para concentrarmos as vontades e esperanças no advento de uma era em que a guerra deixe de ter cabimento.*

Apesar da avançada idade, Schweitzer permanecia no Gabão e prosseguia na sua actividade, coadjuvado agora por um corpo médico e enfermeiro onde se encontravam espíritos generosos animados do desejo de bem-servir.

Continuamos a não descrever a actividade em Lamberéné. Afirmamos apenas que é admirável. Uma coisa é certa: Schweitzer não abandonou espiritualmente os seus protegidos. Cumpriu a promessa de não lhes transmitir as suas especulações teológicas, mas procurou sempre levar-lhes o Evangelho, aliás com a plena concordância do pessoal missionário. Ele mesmo nos conta um episódio da sua acção:

— A operação terminou, e no dormitório, escassamente iluminado, espreito o despertar do enfermo. Mal recupera a consciência, olha com espanto ao redor e exclama repetidas vezes: «Não sinto mais dor! Não sinto mais dor!» A sua mão procura a minha e não a solta mais.

«Então começo a dizer-lhe, e aos outros que estão no quarto, que foi o Senhor Jesus quem mandou o médico e sua mulher ao Ogoué (nome do rio que ali passa e inunda vastas regiões), *e que gente branca da Europa lhes dá o dinheiro para virem aqui tratando dos enfermos. Tenho então de responder a muitas perguntas: quem é essa gente branca? Como vive? E como sabem que os nativos sofrem tanto por causa das doenças?*

«O sol africano brilha através dos tufos de café e penetra na escura barraca, mas nós, brancos e pretos, estamos sentados lado a lado, e sentimos que sabemos, por experiência própria, a significação das palavras: E TODOS VÓS SOIS IRMÃOS».

Quando a agitação caiu sobre África e muitos povos ganharam precipitadamente a independência, Schweitzer não evitou exteriorizar a sua preocupação, embora sabendo que as suas opiniões não iriam agradar a muitos. Como sempre, mantinha espírito independente. *Estes povos, que vivem sob a nossa protecção, querem hoje governar-se por si próprios. Só o futuro deverá dizer-nos se a experiência será feliz ou não. Mas a minha opinião pessoal é de que eles não se encontram ainda em condições de passar sem nós. Porque o nosso dever é chamá-los à civilização.*

Estas e outras palavras trouxeram-lhe animosidades, a que ele ficou indiferente, tão indiferente como sempre ficava aos elogios. Por isso se procura agora diminuir a sua obra e se diz que o hospital é deficiente, que as famílias vivem com os doentes quase em promiscuidade. A este respeito, o Professor Barahona Fernandes explica:

«A sua obra prática na assistência e na saúde da região parece desafiar, de certa maneira, as normas europeizantes de tecnificação que muitos crêem ser a via régia de elevação do nível de vida das populações nativas. Usando sim os meios científicos actuais do laboratório, da radiologia, da cirurgia e outras terapêuticas, respeita fielmente, por outro lado, a índole e os costumes dos seus doentes. Vacinados, assèpticamente operados e pensados, continuam porém a alimentar-se e a viver a seu modo tradicional. São mesmo acompanhados no Hospital por um familiar ou conhecido que colabora na sua assistência e trabalha para o bem comum.

«É curioso notar que prática semelhante se recomenda, hoje, nos meios mais adiantados, para o tratamento hospitalar — em especial das crianças — superando a frieza afectiva da separação e isolamento que uma técnica desnecessàriamente desumanizante primeiro havia exigido. A mesma inserção no contexto social recomenda a Organização Mundial de Saúde para os doentes mentais — tal o faz Schweitzer, recolhendo e tratando com os modernos psico-fármacos umas dezenas de desassisados, votados à barbárie da feitiçaria e ao extermínio do mato. Vivem e ocupam-se em paz, como os outros doentes. Esta é a opinião autorizada de um Mestre da medicina portuguesa.

Outra grande autoridade médica, o Professor Eduardo Coelho exclama: — *Que exemplo magnífico para a mocidade estudantil a vida e a obra de Alberto Schweitzer!(...) Só assim se salvará uma civilização — que nos deu, para além da técnica, o conceito ético da vida, o culto do homem e o domínio do espírito.*

Em 14 de Janeiro do ano passado, Schweitzer comemorou o 90.º aniversário. Ele sabia que o fim da sua vida estava próximo. Este homem verdadeiramente excepcional, um autêntico génio, notável em todos os ramos da ciência e do pensamento de que se ocupou, teve ainda o privilégio de gozar de uma saúde *de ferro*, que resistiu a todos os esforços e excessos de trabalho a que se sujeitou desde a mocidade. Retido no Gabão mais tempo seguido do que seria aconselhável a qualquer europeu, conseguiu chegar aos 90 anos e sempre a trabalhar.

André Maurois, da Academia Francesa, diz que *os homens verdadeiramente grandes, sem mácula, são raros. Para se merecer ser tido por um deles é necessário agir tal como se pensa. É esse o caso do Dr. Schweitzer(...). O exemplo vivo dado pelo Dr. Schweitzer é tão generoso como a sua obra nobre e sã. Devemos todos lê-la e tentar, na medida do possível, imitar o seu autor. A melhor maneira de homenagear os grandes homens é tomá-los como modelo.*

O último acto público de Schweitzer foi a assinatura, poucos dias antes de falecer, de um notável apelo a favor da Paz, sobretudo a favor da paz no Vietnam, que foi também subscrito por quase todos os galardoados pelo Prémio Nobel da Paz, ainda vivos.

Homens da envergadura de Schweitzer continuam vivos apesar da morte. A sua obra permanece. Outros, inspirados na sua vida, prosseguirão a tarefa. O Hospital é hoje uma importante instituição. Mais de 600 pessoas ali viviam no momento do seu falecimento todos que o puderam fazer acompanharam o seu corpo à modesta sepultura no próprio terreno hospitalar.

Certamente que o futuro trará modificações na estrutura do hospital do Dr. Schweitzer. A electricidade irá inundar a aldeia hospitalar, visto que até agora só era utilizada nas salas de cirurgia. Outras modificações surgirão, mas o espírito do «Grande Médico» pairará sempre inspirando aqueles que continuam a dedicar o seu saber e as suas vidas a minorar o sofrimento dos humildes.

E. R.

Antigos Escoteiros

A FRATERNAL visitou a vila de Sintra

Por iniciativa da sua Secção de Campismo, a Fraternal foi de visita à encantadora vila de Sintra no Domingo, dia 1 de Maio corrente. Os antigos escoteiros e pessoas de suas famílias reuniram-se logo de manhã na estação do Rossio, sendo aguardados em Sintra, pelos chefes do Grupo 93, daquela vila, srs. Miguel Raposo Bicho e Mário Luzano Leite, bem como pelos membros da sua Direcção, srs. Veloso de Lima, vice-presidente; e João Henriques Pereira Soares, e diversos escoteiros fardados. Entretanto, foram chegando a Sintra outros membros da Fraternal, que se deslocaram de automóvel, tendo-se reunido um interessante grupo no largo do Palácio.

Os visitantes, dirigidos pelo Presidente da Direcção da Fraternal, sr. Humberto Martins, seguiram depois para a sede do Grupo 93, onde foram saudados pelas mesmas entidades. Este grupo dispõe de acolhedoras instalações, decoradas com bom ambiente escoteiro.

A Secção de Campismo ofereceu ao Grupo 93 um artístico galhardete, como recordação da sua visita, e a Secção Filatélica ofereceu também uma recordação. O sr. Eduardo Xavier, em nome daquela Secção, saudou o Grupo 93. O sr. Veloso de Lima enalteceu o valor daquela visita e disse quão importante ela era para o Grupo 93, que se via assim acarinhado pelos Antigos Escoteiros. Havia cada vez mais necessidade de os grupos de escoteiros sentirem o estímulo de amizade e fraternidade dos antigos escoteiros, dissertando ainda acerca dos ideais de fraternidade do Escotismo.

Os antigos escoteiros reuniram-se depois no Parque das Merendas, onde almoçaram, visitando de tarde o Palácio da Vila.

Esta actividade constituiu uma interessante oportunidade de boa confraternização.